

## Considerações finais

A linguística vale mais pela aventura do linguista do que pelo avanço da própria disciplina. (Milner)

Nas páginas anteriores, abordamos o manuscrito EDL com o propósito de examinar as possibilidades de tomá-lo como a aventura saussuriana. Neste sentido, acompanhamos Saussure na construção de alguns conceitos que foram considerados parte do cabedal teórico responsável pela fundação da linguística moderna. Embora nosso objetivo tenha sido trazer momentos nos quais esses conceitos comparecem no referido manuscrito, impulsionados pelo viés do conceito de aventura de Agamben, fizemos o trabalho conscientes da impossibilidade de nos retirarmos do nosso tempo e, portanto, da condição de leitores do CLG.

Seguimos as veredas do manuscrito de Saussure também sabedores de que ele era de um homem do século XIX, de um vasto horizonte de conhecimento e uma preocupação ímpar com a verticalização da compreensão sobre o objeto dos estudos da linguagem, características que nos deixam muito aquém da apreensão por inteiro de sua elaboração. Além disso, a extensão do manuscrito e o longo período de recepção desses conceitos são suficientes para desencorajar uma abordagem que se queira integral. Ainda assim, juntar-se ao movimento do linguista e trilhar a sua escrita nesse manuscrito nos possibilitou uma razoável aproximação do seu tortuoso percurso de elaboração teórica, que não se faz sem os impasses que a sua escrita denuncia. Assim, colocamos como

um compromisso ético apontar também esses momentos de deriva, repetição, retornos e vazios, que são constitutivos do seu processo de elaboração.

Acreditamos que tal experiência de seguir a escrita desses conceitos em estado de construção e, portanto, em constante movimento, fornece, aos que a acompanham, elementos para entendê-los melhor, inclusive no seu contexto histórico-teórico. Em trabalho anterior, o nosso foco na rasura pode apontá-la como constitutiva do movimento de Saussure na fundação da linguística moderna.<sup>1</sup> Neste trabalho, a noção de movimento permanece operatória em nossas análises, porém esperamos que, ao apresentar, através do EDL, os conceitos de (i) signo linguístico, (ii) forma e substância, (iii) sincronia e diacronia e (iv) língua, linguagem e fala, eles tenham podido se resignificar e quiçá serem entendidos como constitutivos e como efeitos da aventura teórica que o linguista percorre no seu manuscrito.

A nossa observação e análises do manuscrito indicam que os conceitos tratados no EDL são muito semelhantes a alguns presentes no CLG, mas certamente não estão no mesmo estágio de elaboração. Um exemplo é o conceito de forma, que aparece num estágio bastante próximo do que encontramos no CLG, apesar de, neste último, se configurar mais sintético e pouco hipotético, feição sob a qual ele mais frequentemente se apresenta no manuscrito. Entretanto, nem sempre o mesmo acontece com outros conceitos sobre os quais nos detivemos.

No caso dos conceitos de sincronia e diacronia, por exemplo, é patente que há, por parte de Saussure, uma aproximação da necessidade de duas vias distintas de pensar a linguagem. No EDL,

---

<sup>1</sup> Ainda assim, é preciso notar que o CLG conhece pelo menos dois usos distintos do termo “signo”, embora o mais corrente seja aquele que é formado pelo significante e significado. O outro uso é parecido com um dos usos do EDL.

ele chega a alinhar uma perspectiva a estado e a outra à história, mas, ali, o termo “sincronia” ainda não aparece. Ademais, ele elenca bem mais de duas vias para abordar o que no CLG nós lemos como linguística sincrônica e linguística diacrônica. Já o conceito de signo é mais complexo, porque se, por um lado, todos os elementos do signo, bem como a teoria do valor – que determina o funcionamento do sistema no qual os signos subsistem –, estão formulados de maneira aproximativa com o encontrado no CLG, por outro lado, a terminologia e, conseqüentemente, a conceituação dos elementos que compõem o signo linguístico está muito distante do que se encontra no CLG.

Em relação à hipótese corrente de esse manuscrito ser o projeto de um livro, talvez algo parecido com o CLG, é possível fazermos uma observação depois do nosso trabalho de análise e reflexão. Apesar dos indícios, em cartas e em outros manuscritos, não serem desprezíveis e de o próprio manuscrito trazer sinais de que poderia se tratar da escrita de um livro, o que nos levaria a acolher essa hipótese, a nossa abordagem pela via da reflexão do filósofo italiano Agamben nos deu elementos para compreender que a ideia de escrever um livro, no qual se apresenta um conhecimento estabelecido, dobrou-se à aventura de sustentar o encontro com o desconhecido da língua.

A cada movimento de escrita, Saussure deparava-se com o que ainda estava para ser dito sobre a língua, com o que ninguém ainda suspeitava sobre ela e seu funcionamento, nem mesmo o próprio Saussure. Era preciso que ele continuasse a escrever, movido pelas potências que regem a vida humana e são constitutivas da aventura. Nesse percurso de escrita, ele escrevia o que ele e ninguém mais ainda não sabia. Tal experiência não é, tradicionalmente, alinhada com a escrita de um livro. Um livro, em geral, é escrito a partir do que se sabe para comunicar aos que não sabem. Saussure, então, se dedicou

à aventura de não se furtar ao insabido da língua, de sustentar esse trajeto de escrita no qual se chegava a respostas sobre a língua, ao mesmo tempo em que brotavam mais questões. Nesse movimento em espiral, próprio aos furacões, Saussure não escreveu um livro, mas formulou os pilares teóricos que autorizaram cernir um novo objeto da ciência: a língua.

De toda forma, esperamos que o nosso trabalho tenha conseguido mostrar que a aventura em Saussure não se manteve a mesma, desde *Les Aventures de Polytychus*, passando por *Souvenirs* e chegando ao EDL. De fato, o termo aventura é polissêmico, como já nos adverte Agamben (2018), o que pode ser comprovado em algumas das experiências de Saussure. Para o linguista, a aventura aos 17 anos tem um significado bastante próximo de peripécias; no *Souvenirs*, a aventura era pautada nas recordações que poderiam dar sentido a uma cicatriz – nesse caso, a hipótese de que algumas das suas ideias no *Mémoire* eram plagiadas. No EDL, por sua vez, contemplamos a própria aventura de Saussure em curso pelas pegadas que ele registra no seu manuscrito: trata-se da própria experiência da aventura, sem, no entanto, mencioná-la. No manuscrito, vemos que a aventura é um risco singular com o qual se traça uma escrita não linear, errática, talvez, e ainda assim compartilhável.

É digna de lembrança a perspectiva de Milner (2002) no livro *Le périple structurel*, no qual, ao apresentar o seu panorama do chamado “estruturalismo”, ele retoma o substantivo do título, que, no grego antigo, significava circum-navegação e, nas viagens dos gregos, romanos e fenícios, designava o manuscrito que registrava locais por onde os navios passavam, permitindo que o capitão de uma embarcação pudesse refazer a viagem. O termo incorporou-se ao português com o sentido de travessia. O autor apresenta o périplo, essa espécie de mapa manuscrito de uma travessia – interpretação

que os diversos significados do termo permitem –, a partir de capítulos que levam os nomes dos pensadores mais representativos do movimento na sua passagem pela Europa. O ponto inicial é Saussure, claro, já que foi o genebrino quem deu a partida definitiva a isso que Milner chama de périplo estrutural. A ideia, portanto, de aventura na produção intelectual de Saussure não parece tão nova. Buscamos, neste trabalho, contribuir com a pertinência dessa perspectiva um pouco além de resumi-la a uma metáfora do trabalho do genebrino.

Talvez uma consequência lateral deste trabalho esteja relacionada com a afirmação de Agamben (2018, p. 61) que “todo homem se encontra preso à aventura, todo homem tem, por isso, a ver com Daimon, Eros, Ananche, Elpis. Esses são os rostos – ou as máscaras – que a aventura – a Tyche – a cada vez lhe apresenta”. Talvez o leitor deste trabalho possa, por um lado, deslocar as atribuições grandiosas comumente associadas a Saussure, que o classificam de mito ou genial, e acolher o seu trabalho em outra dimensão, e, por outro lado, renovar a apreensão da sua própria formação e atuação como linguista.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **A aventura**. Tradução e notas de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018. Original publicado em 2015.

AMACKER, R. Avant propos. *In* : SAUSSURE, F. **Science du langage**: de la essence double du langage. Éditions des Écrits de Linguistique Générale établie par René Amacker. Genève: Librairie Droz, 2011. p. 9-15.

ARISTÓTELES. **Física I e II**. Prefácio, tradução, introdução e comentário: de Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

AUROUX, S. **A filosofia da linguagem**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.